

José Carlos Neves_aluno número 21109031_Dout. em Ciências da Comunicação
Estudos e Teoria do Som_Prof. Dr. Luís Cláudio Ribeiro

Texto entregue em 29/5/2012

////////////////////////////////////

Este texto tem como base "The Auditory Markers of the Village", por Alain Corbin — in Michael Bull e Less Back (edit.) (2003). *The Auditory Culture Reader*. Nova Iorque: Berg. (pp. 117 a 125). Trata-se de uma abordagem que cruza experiências do território da memória pessoal com uma selecção dos problemas levantados pelo autor.

Para um "lisboeta" de primeira geração, que cresceu em ilha de zona urbana onde o toque do sino dos rituais cristãos não chegava, aquele som pouco lhe dirá às recordações. A não ser que o transporte para as suas origens paternas.

Na Lisboa dos anos 80, ainda era comum os miúdos irem passar as férias escolares à "Terra". A expressão "ir à Terra" remetia para uma estadia temporária à localidade de origem dos seus pais, onde iria dormir em colchão de palha, comer carne de porco conservada em banha, ser abraçado por mãos ásperas e, não menos marcante, ouvir o sino da capela local.

Quem se reveja neste quadro, e nunca tenha tido no som espaço de reflexão relevante, terá em "The Auditory Markers of the Village", por Alain Corbin, uma leitura que o levará a visitar a vila paterna de ouvidos postos no toque do sino.

Deixemos por agora aquela *persona* para irmos de encontro ao texto de Corbin. Neste são identificadas funcionalidades no sino da igreja com recurso a factos passados numa França rural anterior ao século vinte. O conceito de uma "identidade territorial", reforçada pelo toque do sino de que fala o autor, está portanto enquadrado com um tempo e lugar marcados pela influência da igreja cristã.

O toque do sino é apontado como responsável pela definição de um "espaço sonoro" (auditory space) que ajuda a estabelecer os limites da vila, contribuindo desse modo para que aquele que a habite estabeleça uma noção de territorialidade. Ouvir o sino implica então uma proximidade espacial que, por si só, permite estabelecer uma sensação de pertença à vila enquanto malha social.

Por oposição de factores, quem não estiver ao alcance das características badaladas terá uma sensação de territorialidade enfraquecida. Aquele facto não só revela que a pessoa está fisicamente afastada do centro da vila, distância sublinhada por um tempo em que o andar era o meio de locomoção principal, como é sinónimo que esta não será convocada para acontecimentos inesperados de participação social

que ao tempo eram anunciados pelo sino. Temos assim um isolamento geográfico de partida, ao qual se junta aquele de ordem social.

Era de extrema importância que tal situação não acontecesse dentro dos limites da comunidade. Para tal a intensidade dos sinos era ajustada de modo a que fossem ouvidos em todas as partes do território, independentemente da morfologia e extensão deste. Tal processo, pelo menos até ao século vinte, estaria ainda de alguma forma facilitado, pois apenas o tiro de canhão rivalizava pela supremacia sonora do sino da igreja.

A este propósito, Corbin refere que em 1808 os habitantes de Ouessant (Finisterra) demandaram por um sino que fosse audível em toda a ilha. Outros episódios relatados clarificam uma das funções do sino: a orientação das pessoas. Exemplo disso foi o pedido, em 1881 da paróquia de Ile-Tudy (Finisterra), para que fosse instalado um segundo sino para melhor orientar os marinheiros ao longo da costa.

Não menos importante que proteger a comunidade das ameaças terrenas, era defendê-la dos males de ordem teológica. Assim, entre outras finalidades do âmbito religioso, acreditava-se que o repicar dos sinos afastava demónios e bruxas ao mesmo tempo que promovia a aproximação dos anjos e facilitava a comunicação com o divino.

Apesar da análise de Corbin recorrer a exemplos bem afastados do nosso tempo, torna-se fácil encontrar algumas funções do sino da igreja que estavam presentes na vila paterna da *persona* definida ao início.

A noção de uma "identidade territorial" associada ao "espaço sonoro" definido pelo sino é uma delas. De facto, o som do sino que encimava a pequena capela da aldeia era audível em todo o local do vale onde habitassem pessoas, garantindo assim que todos eram convocados para os serviços religiosos mais ou menos regulares e, ainda, que seriam avisados de qualquer evento inesperado.

Se a função agregadora da comunidade assentava na convocação dos regulares momentos religiosos, também o repicar do sino cumpria com eficácia o objectivo de alarmar para os perigos à integridade física. Assim, num território onde era costume o fogo descer as encostas, o tocar do sino levava à reunião urgente de toda a comunidade no topo da aldeia a fim de serem evacuadas mulheres e crianças. Os homens ficariam para tentarem manter as labaredas distantes de bens e animais.

Se aquelas são características partilhadas por uma aldeia beirã do século vinte e as vilas francesas citadas por Corbin, destacamos uma diferença evidente: o espaço sonoro privilegiado, outrora habitado pela melodia do sino, é hoje disputado pelo ruído da televisão.